Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, *6*: 369-371, 1996.

BARD, Kathryn A. *From Farmers to Pharaohs, mortuary evidence for the rise of complex society in Egypt*. Oxford, Sheffield Academic Press, 1994, 144 pp.

*Antonio Brancaglion Junior**

A civilização egípcia parece imutável aos olhos leigos, mas de fato ela evoluiu enormemente durante os 3500 anos de história faraônica. Seus princípios essenciais foram fixados muito cedo, em um tempo relativamente curto, durante a época em que pequenas unidades sociais de caçadores e coletores desenvolveram-se em comunidades agrícolas sedentárias e a organização social tornou-se cada vez mais complexa quando, por volta de 3300 a.C., transformou-se em um dos primeiros estados unificados do planeta.

As primeiras evidências destas culturas Pré-dinásticas surgiram em 1895 e 1896 com as escavações feitas por Petrie em Nagada e por Morgan em Abidos.

Embora sítios Pré-dinásticos sejam encontrados em todo o Vale do Nilo, dentre os conhecidos, o maior número localiza-se no Alto Egito, na margem oeste: Hiracômpolis, Nagada, Ballas e Abidos. No Médio Egito, sítios Pré-dinásticos situam-se na margem leste em Badari e no Fayum. No Baixo Egito, os sítios estão próximos ao Cairo. Mais recentemente foram encontrados os primeiros sítios no Delta em Merinda e Karf Hasan. Na Baixa Núbia existem numerosos indícios de contato entre o Grupo local e os egípcios Pré-dinásticos.

Atualmente, muitos destes achados têm sido reavaliados ou "re-escavados" como alguns pretendem, à luz de novas hipóteses e sob análises estatísticas e laboratoriais cuidadosamente processadas, dentro dos limites impostos pelos registros muitas vezes incompletos ou inadequadamente coletados ou não publicados.

Dentro desta perspectiva encontra-se o trabalho de Kathryn Bard, atualmente Professora Assistente no Depto. de Arqueologia da Universidade de Boston. Este livro é fruto de sua dissertação com a qual obteve o PhD pela Universidade de Toronto. A sua proposta parte da constatação de que no Egito, no início da primeira dinastia, emergiu uma sociedade estratificada centralizada e governada por uma autoridade política. Todavia, o processo de formação deste estado no final do Pré-dinástico não é claro. Embora muitas teorias tenham surgido, não existem evidências arqueológicas que determinem quando e como este estado emergiu. As únicas evidências são funerárias, recolhidas em cemitérios Pré-dinásticos desde o século XIX.

No Capítulo 1 Bard revê as principais teorias sobre a formação do estado egípcio e avalia as evidências arqueológicas dos principais sítios Pré-dinásticos. Uma consideração inicial é feita: a de que enquanto a evolução social no sul da Mesopotâmia parece estar funcionalmente ligada ao processo de urbanização, no Egito não há dados correspondentes que sugiram uma evolução urbana. Apesar de muitos cemitérios terem sido escavados, principalmente no Alto Egito, nenhum assentamento pré-histórico foi descoberto.

Com respeito às diferentes teorias apresentadas sobre a formação do estado egípcio é digna de destaque a de Petrie (1920) que acreditava em uma "raça dinástica" vinda do leste, teoria posteriormente retomada por Murray (1956) e Emery (1967), que viram na cultura gerzense os traços de um povo conquistador que por motivos mercantis e/ou populacionais avançou para o norte. Outras hipóteses levantadas consideravam os gerzenses como povos Asiáticos que invadiram o vale do Nilo pelo Wadi Hammamat ou um povo de origem Mesopotâmica que invadira o Delta do Nilo. As teorias de uma origem indígena também são apresentadas; destaca-se a de Kaiser (1957), na qual a expansão para o norte da cultura Nagada teria originado a cultura do Fayum e posteriormente a do Delta, com uma possível expansão "colonial" para o sul até a Alta Núbia.

As interpretações mitológicas não são deixadas de fora deste capítulo, a principal é a de Seth (1930) que pressupõe a existência de dois reinos pré-históricos, um no Alto Egito e outro no Baixo

(*) Depto. de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação, doutoramento.

Egito, simbolizados pela luta de Hórus contra seu tio Set. Hórus representaria o Delta Ocidental, chefiado pela cidade de Behdet, e Set, o deus de Ombos (Nagada), representaria o Alto Egito. Após sucessivas lutas a unificação viria, representada por Osíris, o deus que todo rei morto se tornaria e cujo centro de culto era originariamente Busiris no Delta Oriental.

Das teorias apresentadas podemos ainda destacar as que têm como base da formação do estado dinástico os excedentes agrícolas produzidos pelos agricultores gerzenses. Tais excedentes geraram um crescimento da riqueza e foram distribuídos de forma desigual, fazendo com que os gerzenses expandissem seus domínios para o norte, conquistando os *nomos* do Baixo Egito – como representado na maça de guera do rei escorpião. É de período mais recente a teoria de Kemp (1989) que propõe um modelo de formação do estado egípcio baseado em três proto-estados no Alto Egito – Abidos, Nagada e Hieracômpolis, tendo este último se expandido militarmente para o norte; o simbolismo geográfico desta expansão seriam as divindades Wadjit e Nekhbet.

Seja qual for a teoria que melhor explique o surgimento de uma sociedade complexa na primeira dinastia, Bard apresenta no capítulo seguinte as análises mortuárias que indicam esta evolução social.

A primeira constatação obtida destes cemitérios é a falta de indícios de uma população rural distinta de uma população urbana, embora centros urbanos provavelmente tenham existido próximo a cemitérios da primeira dinastia, em Saqqara e Abidos, onde havia uma arquitetura monumental sob a forma de grandes túmulos reais e da elite. Mesmo assim, não existem evidências arqueológicas de oficinas reais ou de templos, muito embora ocorra uma grande quantidade de vasos em pedra nas tumbas deste período. Elaborados bens artísticos com um complexo simbolismo foram criados para transmitir a mensagem de um estado unificado e a supremacia do monarca, como a paleta de Narmer.

Um comércio estrangeiro é igualmente observável nos restos funerários com a presença de cerâmica palestina e madeira de cedro em tumbas de Saqqara e Abidos.

Uma sociedade de classes estratificadas está indicada em funerais e títulos de oficiais do início do Período dinástico.

Os reis da primeira dinastia eram sepultados em Abidos enquanto os altos funcionários construíam grandes túmulos ao norte de Saqqara e os pequenos funcionários eram enterrados em tumbas simples como as de el-Amra e Ballas. Os cemitérios das classes inferiores constituem-se de simples covas e poucos bens, distribuídos por todo o Egito como em Abu Roash, Gurob, Kafr Ghaltati e Naga ed-Der.

Estes cemitérios mostram uma distribuição muito desigual dos bens sepultados e um acesso diferenciado aos recursos naturais e manufaturados.

Constata-se também o aparecimento de uma escrita fonética utilizada principalmente para identificar os bens pertencentes ao estado.

Na segunda parte do Capítulo 2, a autora apresenta algumas formas de análise dos cemitérios Pré-dinásticos. A primeira delas é o estudo etnográfico das práticas funerárias de povos da África Central e do Norte, que tem mostrado que as cerimônias associadas com o funeral e as práticas relacionadas nem sempre podem ser visíveis no registro arqueológico, destacando uma frase de Bartel (1982) na qual ele diz: "o arqueólogo pode fazer a suposição operacional que explique as dimensões sociais somente do cadáver à sua disposição".

Sobre as evidências mortuárias para a interpretação dos níveis de organização social, a autora destaca dois critérios que são bem ajustáveis aos dados arqueológicos: o primeiro é a distribuição espacial dos restos mortuários, como uma variável que contém informações relativas à diferenciação do grupo, e o segundo, a energia dispensada no funeral como uma indicação da classificação social.

A propósito da teoria de gasto de energia, Bard observa que nem toda a energia gasta em rituais mortuários é arqueologicamente visível, particularmente nos casos de cerimônias funerárias elaboradas, relacionadas diretamente à ideologia por trás do sepultamento, que modifica as formas mortuárias conforme a cultura. Assim, temos as pirâmides da IV dinastia que perduram por 4000 anos após o sepultamento dos faraós enquanto um rei saudita de hoje é enterrado em uma cova simples e sem marcas de acordo com as crenças muçulmanas.

No Capítulo 3 são abordadas as questões referentes à cronologia utilizada para o Pré-dinástico egípcio, a forma como Petrie elaborou a sua "Sequence Dating" (SD) e as datações por radiocarbono para os períodos Nagada I a III, apresentadas com ajuda de tabelas de fácil compreensão.

No Capítulo 4 é apresentada uma análise do cemitério de Armant, como estudo de caso, onde após uma descrição geral do sítio são apresentadas análises com respeito à distribuição espacial das covas e os aspectos sociais que podem ser obtidos através do estudo do material sepultado.

O Capítulo 5 foi dedicado a uma revisão dos achados de Petrie nos cemitérios de Nagada, que mostram um aumento populacional e a formação de uma elite desde os tempos de Nagada I, um indicador da formação das condições necessárias para a criação da primeira dinastia. Infelizmente as escavações rápidas (1894-95) foram feitas sem o cuidado necessário com os registros, o que levou à perda de importantes dados arqueológicos.

As evidências arqueológicas analisadas por Bard mostram que durante o Pré-dinástico houve um crescimento populacional no vale do Nilo com uma concentração rápida da população em centros no Alto Egito, fato este que precede a unificação na primeira dinastia. Tal crescimento populacional, além de ser um fator que marcaria a transição para o estado faraônico, foi o que levou ao surgimento de um controle autoritário de um tipo mais eficaz.

As condições ecológicas do Nilo, com suas cheias regulares, permitiram um maior potencial de produtividade agrícola, o que suportava o crescimento populacional, além de permitir o desenvolvimento de habilidades especializadas e a exploração de fontes minerais durante o período de alagamento dos campos.

Oferendas funerárias e deuses tornaram-se cada vez mais importantes para as elites políticas e foram provavelmente um fator de estímulo para o comércio.

Como as cheias do Nilo diminuíram após 3300 a.C., os grandes centros, como Hieracômpolis e Nagada, uniram-se em um proto-estado que se expandiu para o norte a fim de controlar a produção agrícola do Baixo Egito.

Além de uma excelente revisão das teorias sobre o surgimento de uma sociedade complexa no Egito, esta obra oferece alguns modelos de como as evidências mortuárias podem ser usadas para a interpretação de níveis de organização social, destacando os cuidados com os dados coletados. Apresentado de forma clara, com um texto de fácil compreensão, gráficos e tabelas sem nenhuma sofisticação, acompanhado de uma vasta bibliografia, o trabalho de Kathrin Bard deixa claro que o arqueólogo ao analisar as práticas de enterramento deve fazê-lo sabendo que está estudando o resultado final não de um mas de vários processos interrelacionados, tanto social (ritual, simbólico e religioso) quanto geológico.

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 1996.